

# Em busca de um IDESP\* positivo: melhorando o rendimento dos alunos nas escolas estaduais.

*Luiz Gonzaga de Oliveira Pinto*

## ■ 1- Introdução

Podemos argumentar, de muitas maneiras e com dados precisos, que nossas escolas estaduais carecem de melhor estrutura funcional, de uma jornada de trabalho adequada para os professores; que existe muita rotatividade de docentes e diretores ao longo do ano; que os salários são ridículos e altamente desmotivadores; que a Progressão Continuada, entendida como promoção automática, tem causado sérios problemas na aprendizagem. Isso, entre outras distorções que, de muitos modos, desfavorecem um ensino de qualidade.

Todavia, existe um momento no processo pedagógico em que o gestor não pode se omitir, do qual professor algum pode se furtar, qual seja, aquele em que está frente aos seus alunos, em cada escola e em cada sala de aula, para oferecer-lhes um ensino minimamente qualificado. Pois não se pode imaginar algo diferente, no processo ensino-aprendizagem. E isso não é conversa de SEE (Secretaria Estadual de Educação) e sim a parte que nos toca no interior de cada unidade escolar.

O produto dessa relação deverá ser sempre o crescimento intelectual do alunado. Claro que, dentro de nossas possibilidades e das condições que nos são oferecidas.

No entanto, esse axioma acaba muitas vezes anu-

lado pelas avaliações externas, tais como as do SARESP (Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Estado de São Paulo), ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), SAEB (Sistema de Avaliação da Educação Básica), PISA (Programa Internacional de Avaliação de Aluno), Prova Brasil (Avaliação do Rendimento Escolar), que comprovam o baixo aprendizado de grande parte dos discentes, tanto do Ensino Fundamental quanto do Médio.

Assim, ou desqualificamos essas avaliações externas, por julgarmos que elas não revelam as profundas defasagens no aprendizado dos alunos, e o "aproveitamento deles vai muito bem, obrigado"; ou as consideramos válidas, e aí alguma coisa muito grave está ocorrendo nas salas de aula.

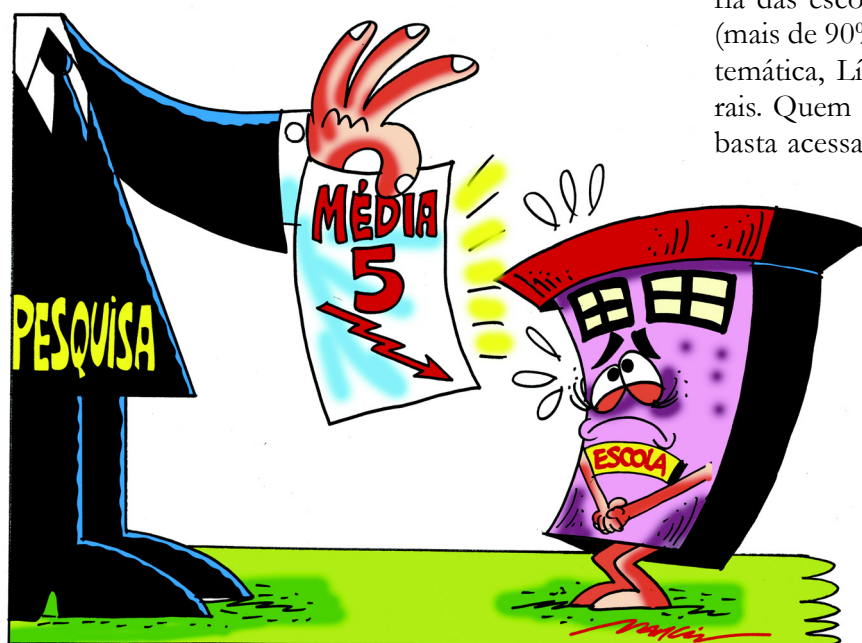
Infelizmente, somos forçados a acreditar que tais pesquisas não estão equivocadas.

Os resultados do SARESP não têm sido satisfatórios, conforme depoimento de quem o aplica, ou seja, a própria Secretaria da Educação. Tanto isso é verdade, que o governo acaba de propor um bônus para os profissionais das escolas estaduais que apresentarem uma razoável melhoria no IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo).

Do ENEM, nem é bom falar. Essas avaliações têm sido catastróficas. Nas de 2006 e 2007, a maioria das escolas públicas estaduais de Ensino Médio (mais de 90% delas) não alcançaram média 5 em Matemática, Língua Portuguesa e Conhecimentos Gerais. Quem quiser ir à fonte e conhecer mais dados, basta acessar o site do Inep ([www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)).

Devemos lutar para termos a escola dos nossos sonhos. No entanto, enquanto não a temos, é necessário fazer a nossa parte, melhorando nosso desempenho em sala de aula, independentemente dos governos. Aliás, eles estão muito pouco interessados em investir pesado em educação, tornando-a uma prioridade.

\*IDESP = Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo.



Mas, como proceder para atingir esse objetivo, a melhoria da qualidade do ensino em nossas escolas, a partir do trabalho de cada gestor e de cada docente?

## 2- Da necessidade de aprofundar as reflexões sobre o trabalho em sala de aula. Do Projeto Pedagógico da Escola

A chave da questão está na construção do Projeto Pedagógico da escola.

Primeiramente, é preciso que todos saibam o significado de Projeto Pedagógico. Ele é, fundamentalmente, o instituto que permite ao coletivo refletir sobre seu trabalho em sala de aula e a realidade de cada unidade escolar, com vistas a dar-lhe um novo rumo. Ou seja, passar da escola que temos para a escola que queremos.

O Projeto Pedagógico constitui, pois, uma série de reflexões a respeito do que fazer para ter a escola que queremos. O planejamento, por sua vez, será a concretização dessas reflexões: como fazer e como chegar lá.

Num primeiro momento, é preciso realizar o diagnóstico da escola. Ele mostrará os problemas e apontará as soluções e as mudanças necessárias, com vistas à qualidade que pretendemos alcançar, a partir de nossas reflexões e do fazer pedagógico de cada professor.

Para um diagnóstico efetivo, cada professor, durante o planejamento e nas HTPCs, deve ter em mãos os resultados de suas avaliações do ano anterior e aquelas realizadas ao longo do ano em curso, para verificar como se apresenta o aproveitamento de suas classes.

Se muitos alunos estão demonstrando baixo rendimento, algo deve ser feito pelo professor, e enquanto é tempo de fazer.

Para corrigir o percurso, deve o professor estabelecer ações e metas em relação à sua disciplina, a fim de levar o aluno ao aprendizado. Aliás, estabelecer metas e persegui-las é o primeiro passo para atingir os objetivos a que se propõe o professor.

De nada adianta "chorar sobre o leite derramado", no final do ano letivo, quando se constata que grande parte dos alunos apresentam-se defasados quanto ao que se esperava de seu desempenho.

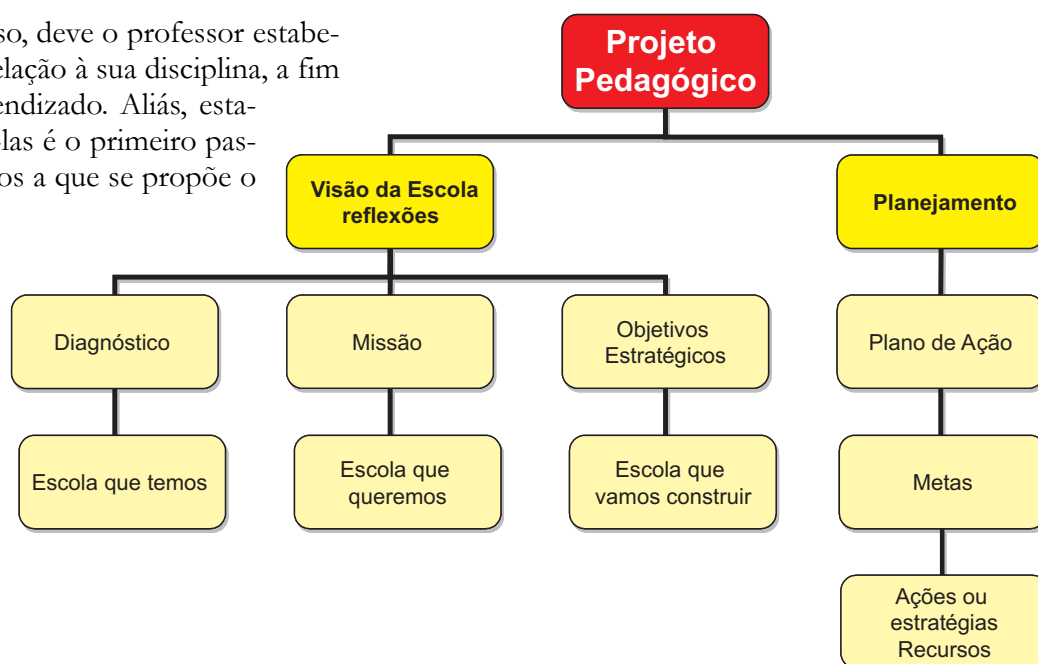
Assim, ao fazer o diagnóstico da escola



e da disciplina, é preciso analisar os resultados do SARESP e do ENEM.

Nesse aspecto, é imprescindível que o professor coordenador forneça aos professores os resultados e os conteúdos dessas avaliações.

**Ter em mãos os resultados, para que os professores tenham informações sobre o baixo o rendimento dos alunos dos ensinos fundamental e médio; ter em mãos os conteúdos, a fim de que os professores tenham uma idéia daquilo que não ministraram aos alunos, bem como as competências e habilidades que o alunado deveria ter incorporado ao longo do desenvolvimento dos conteúdos significativos.**



A análise dos conteúdos das provas do SARESP e do ENEM dará ao professor informações sobre os conteúdos a ser desenvolvidos com seus alunos.

Os materiais pedagógicos enviados pela SEE aos professores, para aplicação em sala de aula, no ano de 2008, também devem merecer atenção especial, uma vez que, com certeza, eles serão usados pela SEE, em novas avaliações.

Esses conteúdos, uma vez ministrados pelos professores e incorporados pelos alunos (juntamente com as habilidades e competências), farão com que o IDESP de cada unidade escolar melhore sensivelmente.

Mas, o diagnóstico é ainda a primeira etapa para mudar os rumos da aprendizagem dos alunos. Ele informa aos professores que caminhos seguir para melhorar a qualidade do trabalho em sala de aula. E essas melhorias, por sua vez, dependem da mudança na postura pedagógica do professor.

### Mudando os procedimentos do professor em suas aulas com vistas a uma verdadeira Progressão Continuada

Desde sua introdução nas escolas estaduais, a Progressão Continuada, transformada em Promoção Automática, foi responsabilizada por todos os desastres educacionais vinculados ao aproveitamento dos alunos, **como se todos eles tivessem resolvido, a partir da inovação, deixar de estudar. É válida essa afirmação?**

Faz-se necessário, primordialmente, compreender o contexto no qual foi introduzida a Progressão Continuada.

À época, 1997, grande parte das escolas públicas estaduais apresentava um índice de repetência e evasão que beiravam os 40%. Tratava-se de uma situação intolerável e insustentável, que pedia urgentes medidas corretivas.

E elas vieram com a introdução do Sistema de Ciclos e da Progressão Continuada sem, no entanto, as necessárias mudanças estruturais que tais inovações exigiam: nova jornada para o professor, e, fundamentalmente, capacitações que permitissem aos docentes e gestores o pleno entendimento das novidades.

O Sistema Seriado, que deveria ser abolido com



os Ciclos, permaneceu intacto, e a Progressão Continuada transformou-se em Promoção Automática, inclusive contrariando o artigo 24, II, "a", da LDB, que estabelece que a promoção dos alunos só deve ocorrer com aproveitamento. Mas, como a LDB abre brechas para que os sistemas de ensino façam suas adequações, a SEE e o Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo abortaram a idéia da promoção com aproveitamento, admitindo a retenção apenas nas classes terminais do

### Ensino Fundamental.

**Mas, será que, mantida a promoção com aproveitamento, não teriam continuidade os altos índices de evasão e repetência?**

Apesar da ausência de capacitações oficiais, muitas escolas preocuparam-se em tentar compreender e pôr em prática essas inovações. E o fizeram, com razoável êxito. Porque a Progressão Continuada tinha e tem um objetivo nobre, qual seja:

**mudar, na consciência dos alunos, o conceito de estudar para passar de ano, para o de estudar para aprender.**



Ora, o êxito da Progressão Continuada implicaria novas práticas pedagógicas e ênfase em certos procedimentos diferenciados por parte dos professores em sala de aula. Embora fosse obrigação aplicá-los, independentemente da Progressão, nem sempre isso ocorria.

A partir da introdução da Progressão Continuada, o planejamento e as aulas deveriam ser desenvolvidos de forma bem diversa do que vinha ocorrendo, até então, em grande parte das salas de aula.



Nesse novo contexto, algumas questões teriam que ser levadas em consideração, para evitar que a Progressão Continuada se transformasse em Promoção Automática. Entre elas:

- 1 - a busca do bom relacionamento professor/aluno;
- 2 - o meticoloso preparo das aulas;
- 3 - a seleção de conteúdos significativos, tanto quanto possível, baseados na realidade do aluno;
- 4 - o trabalho coletivo dos docentes, fundado na interdisciplinaridade;
- 5 - o desenvolvimento de competências e habilidades entre os alunos, baseadas na premissa de que o discente demonstra que **realmente aprendeu, no momento em que é capaz de aplicar os conhecimentos adquiridos em situações novas.**

### A busca do bom relacionamento professor/aluno

O bom relacionamento professor/aluno foi e será sempre, peça fundamental na aprendizagem. O contrário dessa premissa é a eclosão de conflitos em sala de aula que praticamente inviabilizam qualquer processo pedagógico de qualidade, tornando um inferno a vida do professor e provocando agressões morais e até mesmo físicas, de parte a parte, hoje muito comuns nas escolas públicas estaduais (conforme pesquisa da Udemo de 2008).



Todavia, o bom relacionamento está intimamente ligado à qualidade das aulas ministradas pelos professores.

Os alunos adoram o professor dedicado e eficiente que os trata com carinho e atenção. O aluno sabe exatamente com quem está tratando. Estamos falando de alunos indisciplinados, e não de "bandidos". Agredir fisicamente professores e professoras, ou os ameaçar de morte, não são atos de indisciplina; é crime.

Para coibir a violência que hoje grassa num número cada vez maior de unidades escolares, é necessária uma profunda reflexão dos educadores sobre essa distorção. Essa reflexão deve

levar a projetos específicos de combate a essa praga que tanto deseduca nossos jovens e adolescentes.

levar a projetos específicos de combate a essa praga que tanto deseduca nossos jovens e adolescentes.

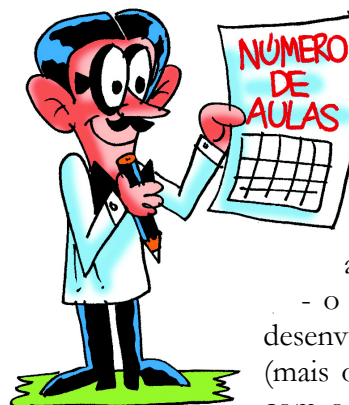
### O meticoloso preparo das aulas

Há uma série de ações que podem ser desenvolvidas pelo professor para tornar suas aulas agradáveis, atrativas e dinâmicas. Nessas aulas, a avaliação terá papel preponderante, pois é a sua constante aplicação que garantirá, ao docente, a constatação de que o conjunto da classe assimilou os conteúdos significativos e está aprendendo, realmente.

Portanto, a prática de sistemáticas avaliações, de caráter diagnóstico, visando detectar dificuldades de aprendizagem, e não para classificar os discentes, comparando-os com outros, mostra-se, de fundamental importância nesse novo contexto.

Para isso, é necessária uma boa organização dessas aulas que deve compreender as seguintes etapas:

- 1 - Definição do número de aulas no desenvolvimento de determinado conteúdo;



- 2 - Estabelecimento de alguns objetivos a serem alcançados ao final de cada aula, e a divisão da aula em três momentos:

- o primeiro, dedicado ao desenvolvimento do conteúdo (mais ou menos 30 minutos) com o professor sempre dialogando com os alunos, buscando neles algum conhecimento que eventualmente tenha sobre o assunto (unindo o rudimentar saber do discente com o novo, exposto pelo professor);

- o segundo momento (cerca de 20 minutos), dedicado à avaliação, no qual o mestre verificará se os objetivos dessa aula foram alcançados e o quanto os alunos assimilaram desses conteúdos significativos;

- o terceiro momento, em que o professor poderá colocar questões (situações/problemas) que permitam ao aluno transferir o conhecimento adquirido para situações novas. Se os alunos o fizerem, saberá o docente que esses conteúdos foram, realmente, aprendidos, o que permitirá ao pro-



ferir o conhecimento adquirido para situações novas. Se os alunos o fizerem, saberá o docente que esses conteúdos foram, realmente, aprendidos, o que permitirá ao pro-

fessor perceber que discente está incorporando **habilidades e competências** em seu aprendizado.

3 - De cada aula, com certeza, os alunos terão os registros dos conteúdos apreendidos;

4 - Os procedimentos devem ser os mesmos nas aulas subsequentes e o trabalho deve ser concluído com uma síntese realizada com o conjunto da classe, com o docente sempre dialogando com os discentes.



Mantida a sistemática, o professor poderá variar o tipo de aula ministrada, de acordo com a realidade de sua disciplina. O importante é garantir que os alunos aprendam. Mas, haverá alguns alunos, que por uma série de razões, apresentarão dificuldades maiores. Conhecendo-as, ficará mais

fácil encaminhá-los a recuperação paralela, com enorme possibilidade de êxito.

Mas, queremos também chamar a atenção para um fato que muito angustia o professor: "a pressa em terminar a matéria".



**Deve ficar claro para todos os docentes que o importante não é finalizar os conteúdos num prazo estipulado, mas, sim, garantir a aprendizagem.**

Trabalhando dessa forma, o professor terá perfeito controle sobre os procedimentos que está realizando, não permitindo que esses conteúdos significativos se percam pela ausência de avaliação e registros. Ao mesmo tempo, conferirá aos alunos a possibilidade de organizarem seus próprios registros.

#### **A seleção de conteúdos significativos**

O professor deve ter sempre em mente que esses conteúdos, tanto quanto possível, deverão estar voltados para a realidade que cerca o alunado, ainda que nem todos os temas abordados possam ter essa característica.

Nesse aspecto, é necessário que o professor reflita sobre a importância dos conteúdos que vai ministrar, ou seja, "por que vou desenvolver determinada matéria?" Isso, para poder esclarecer aos alunos aque-

le conhecido questionamento que, vez ou outra, eles lhe fazem, durante as aulas: " Professor, por que temos de estudar esse tema, e para que ele serve?"

#### **O trabalho coletivo dos docentes baseado na interdisciplinaridade**

Um das bases na qual se apóia o Projeto Pedagógico é o trabalho coletivo.

Escolas sem um Projeto Pedagógico acabam por privilegiar o trabalho individual dos docentes, consubstanciado no fato de cada professor, durante o Planejamento, organizar os conteúdos específicos a ser ministrados para suas classes, desenvolvendo-os sem relação alguma com os conteúdos de seus colegas, ainda que dêem aulas para classes da mesma série.

Esse trabalho individualizado, ainda que possa ter os seus méritos, quando ministrado por bons professores, não dá aos alunos a idéia da unidade do conhecimento, dificultando, ou mesmo impedindo, a compreensão da relação entre ciências e humanidades.

**Os conteúdos inter cruzados, e aqueles unificadores de temas, constituem a mola mestra da interdisciplinaridade. O inter-relacionamento entre os conteúdos das disciplinas configura a interdisciplinaridade.**

Daí a necessidade da introdução da interdisciplinaridade no Planejamento das escolas, que possibilita a todos os professores tomarem conhecimento, durante o Planejamento e as HTPCs, dos conteúdos que todos irão ministrar ou estão ministrando, a fim de que busquem pontos de relação entre eles.

#### **A interdisciplinaridade pode ser desenvolvida de muitas formas:**

- através de um tema específico, por meio do qual todas as disciplinas, ou parte delas, se integrem, para dar ao aluno a idéia da unidade do conhecimento;

- através de Língua Portuguesa, na qual os professores das demais disciplinas demonstrem que a norma culta é importante não somente no estudo do idioma pátrio, mas em todas as áreas do conhecimento;

- outras formas, a serem criadas pelos professores nas HTPCs, tornando essa uma prática normal nas nossas escolas.

Assim, por meio da interdisciplinaridade, teríamos a integração dos professores em torno de temas, e a existência de um verdadeiro trabalho coletivo, no qual cada professor saberia exatamente o que o colega está realizando, o que elevaria, sobremaneira, a qualidade do ensino.



### O desenvolvimento de habilidades e competências

As competências e habilidades são inseparáveis da ação, mas exigem domínio de conhecimentos.

Competências se constituem num conjunto de conhecimentos, atitudes, capacidades e aptidões que habilitam alguém para vários desempenhos da vida.

Habilidades se ligam a atributos relacionados não apenas ao saber/conhecer, mas ao saber-fazer, saber-conviver e saber-ser.

As competências pressupõem operações mentais, capacidade para usar as habilidades, emprego de atitudes adequadas à realização de tarefas e conhecimentos.

#### Exemplos de competências/habilidades:

- respeitar as identidades e as diferenças;
- utilizar-se das linguagens como meio de expressão, comunicação e informação;
- inter-relacionar pensamentos, idéias e conceitos;
- adquirir, avaliar, e transmitir informações;
- compreender os princípios das tecnologias e suas relações integradoras;
- entender e ampliar fundamentos científicos e tecnológicos;
- desenvolver a criatividade
- saber conviver em grupo;
- aprender a aprender

#### Então, qual é a diferença entre competências e habilidades?

De acordo com o professor Vasco Moretto, da Universidade Laval de Quebec- Canadá:

As habilidades estão associadas ao saber fazer: ação física ou mental que indica a capacidade adquirida. Assim, identificar variáveis, compreender fenômenos, relacionar informações, analisar situações-problema, sintetizar, julgar, correlacionar e manipular, são exemplos de habilidades.

Já as Competências são um conjunto de habilidades, harmonicamente desenvolvidas, e que caracterizam, por exemplo, uma função/profissão específi-

ca: ser arquiteto, médico, professor, etc. As habilidades devem ser desenvolvidas na busca de competências.

Segundo Vera Lucia Câmara F. Zacharias ( in Revista do Projeto Pedagógico/2005, pg 34):

"Cabe ainda observar, preliminarmente, que as competências não eliminam os conteúdos, pois que não é possível desenvolvê-las no vazio. Elas apenas norteiam a seleção dos conteúdos, para que o professor tenha presente que o que importa na educação básica não é a quantidade de informações, mas a capacidade de lidar com elas, através de processos que impliquem sua apropriação e comunicação, e, principalmente, sua produção ou reconstrução, a fim de que sejam transpostas a situações novas" - PCN - Ensino Médio.

### 3- Considerações finais

Sabemos que são muitas as dificuldades que se colocam diante do gestor e do professor que desejam realizar um trabalho de qualidade em suas escolas.

Todavia, acreditamos que, refletindo sobre os resultados das avaliações externas, confrontando-as com o real aproveitamento dos alunos, poderão gestores e corpo docente das escolas mudar os rumos do processo pedagógico.

Para isso, é necessário combater a rotina que se apossa de muitos profissionais, logo após o Planejamento, quando se esquecem de que se comprometeram com a qualidade de suas aulas. Descuidam da sistemática verificação da aprendizagem dos seus alunos.

Para fazer um trabalho de qualidade em sala de aula, não é necessária muita sofisticação, mas, sim, o desejo de que todos os alunos aprendam, mediante dedicação constante e sistemática avaliação.

Assim procedendo, os professores estarão sempre atentos ao crescimento de seus alunos, não permitindo que muitos deles fiquem pelo caminho, abandonados à sua própria sorte, quando aparecerem as temidas defasagens.

Mas, para isso, é preciso que os docentes acreditem que todos os alunos são capazes de aprender. ■